



# OBSESSÃO DO MAFIOSO

*Império Salvatore Livro 4*

**BRENDA RIPARDO**

OBSESSÃO  
DO MAFIOSO

*Império Salvatore Livro 4*  
**BRENDA RIPARDO**



Direitos autorais do texto original copyright © 2024, **BRENDA RIPARDO, OBSESSÃO DO MAFIOSO**

**Capa:** L.A Design

**Diagramação:** Brenda Ripardo

**Preparação de texto/Editor:** Graci Rocha

**Leitura sensível:** Saulo Moreira

**Ilustração:** Úrsula Gomes

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes — tangíveis ou intangíveis — sem autorização por escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Este livro segue a norma-padrão do novo acordo ortográfico da língua portuguesa, mas há muitas abreviações como o "tá", "tô", "pra" e "pro", de forma que o texto fique o mais natural e verossímil possível.



# SINOPSE

*“— Você não é um monstro.*

*— Eu sou, Cristallo. Você apenas não percebeu ainda.*

*— Então, se é um monstro, que seja o monstro que eu amo, Matteo. Se for para ser um, que seja o meu.”*

Nascido nos corredores sombrios de uma família poderosa, Matteo Salvatore é um mafioso de linhagem nobre. Criado pelo tio, Alberto Salvatore, depois da morte traumática da sua mãe, Matteo carrega o peso de um passado obscuro que o assombra até os dias de hoje.

Quando ele cruza o caminho de Hadassah, uma jovem com um sorriso gentil, ela desperta em Matteo um instinto primal de proteção.

Agora, Matteo se vê envolvido em um jogo perigoso de amor e lealdade, onde cada passo o leva mais fundo nos segredos de sua própria família.

Hadassah Zohar é uma jovem batalhadora que encontra refúgio na arte da patinação no gelo. Apesar das dificuldades na vida, trabalha duro em um supermercado local para sustentar a família.

Foi criada em um ambiente hostil e sofre constantes abusos do seu pai e irmão mais velho, mas ainda assim, mantém a determinação e coragem inabaláveis.

Com um primo atrás das grades, Hadassah valoriza cada respiração de liberdade e luta diariamente pela sua independência.

À medida que seu destino se entrelaça com o de Matteo, ela descobre que o amor pode ser a única força capaz de iluminar até mesmo os corações mais sombrios.

No mundo da máfia, onde o amor é um luxo perigoso, Matteo e Hadassah se veem presos entre o dever da família e a chama de uma paixão avassaladora. E entre lealdades divididas e perigos iminentes, os dois descobrirão se o amor pode realmente triunfar sobre todas as adversidades.



# NOTA DA AUTORA

Este é um romance hot que tem como pano de fundo a máfia italiana, mas se você espera encontrar cenas de extremo abuso, uma história **DARK**, detalhes sobre as negociações dentro da máfia e burocracias ou torturas extremas, este livro **NÃO** corresponderá às suas expectativas.

O foco aqui é o nosso casal principal e a construção do relacionamento deles.

No entanto, é importante ressaltar que a trama inclui gatilhos para tentativa de suicídio, desmembramento de pessoa, menção a escravidão e abusos físicos e verbais sofridos pela protagonista por parte do seu pai e irmão. Além disso, há temas delicados como álcool, drogas, violência e consentimento questionável, juntamente com linguagem imprópria e conteúdo sexual gráfico.

Apesar do conteúdo sensível, esse **NÃO É UM ROMANCE DARK**. Mas é necessário reforçar que por se tratar de uma história sobre a Máfia Italiana, certas passagens podem ser desconfortáveis ao leitor.

A autora não apoia e nem tolera as ações ilegais e comportamento de alguns personagens retratados neste livro. A atenção do leitor é aconselhada. Não leia se não se sente confortável.

A história narrada nas páginas seguintes, foi escrita baseada em muito estudo sobre a Máfia Italiana, e claro, usando o bom senso da licença poética e minha criatividade.



### **ATENÇÃO!**

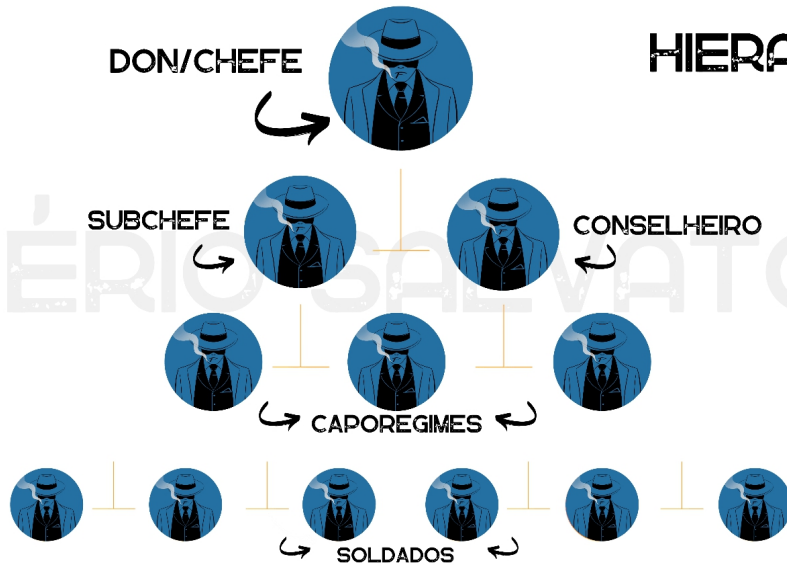
A história do livro se passa na cidade de Chicago, no estado de Illinois, mas não tem **NENHUMA** ligação com a Chicago Outfit (máfia de Chicago). Eu optei por criar minha própria organização criminosa.

Esta é uma obra de ficção destinada a maiores de 18 anos.

Boa leitura!

DON/CHEFE

# HIERARQUIA





# IMPORTANTE

## **Como denunciar situações de Violência contra as Mulheres?**

No Brasil, existe um serviço de apoio dedicado a mulheres em situação de violência: **a Central de Atendimento à Mulher**, por meio do número **180**. Este serviço oferece orientação, acolhimento e encaminhamento para mulheres que enfrentam qualquer forma de violência, seja física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral.

Se você ou alguém que você conhece está passando por uma situação de violência, não hesite em buscar ajuda. Ligue para o **número 180** para receber assistência gratuita, confidencial e disponível 24 horas por dia, em todo o território nacional.

Lembre-se, você não está sozinha e há apoio disponível para ajudá-la a superar essa situação.



# DEDICATÓRIA

*"Para todos aqueles que já atravessaram momentos difíceis na vida: Vocês não estão sozinhos. Que estas palavras sirvam como uma fonte de conforto e esperança. Espero que, nos dias ruins, vocês se lembrem de que sempre há luz para iluminar o caminho."*



# PLAYLIST



*Remy Zero – Save Me*

*The Beatles – Hey Jude*

*Billy Joel – Vienna*

*Lacuna Coil – Falling Again*

*Eminem – Mockingbird*

*A Perfect – Circle Passive*

*Demon Hunter – I Will Fail You*

*The Verve – Bitter Sweet Symphony*

*Queensryche – Silent Lucidity*

*Lana Del Rey – Born To Die*

*Lana Del Rey – Body Electric*

*Rain Paris – Lights (Cover Ellie Goulding | Rock)*

*Chase Atlantic – Slow Down*

*“Eu sinto que minhas asas se quebraram em suas mãos.  
Sinto as palavras não ditas por dentro e elas te deprimem.*

*Eu darei qualquer coisa que você quiser, você sabe. Você é tudo o  
que eu queria.*

*Todos os meus sonhos estão desabando, rastejando ao meu redor,  
ao meu redor.*

*Alguém me salve.*

*Deixe suas mãos quentes atravessarem.*

*Alguém me salve.*

*Não me importa como você o faça. Apenas fique, fique, vamos lá, eu  
estava esperando por você.”*

*~ Remy Zero – Save Me*





# MATTEO

## PRÓLOGO

O quarto é escuro e silencioso, exceto pelo som do respirar cansado da minha mãe.

Ela está deitada na cama, muito doente para se mexer ou falar direito. O câncer a está deixando tão fraca e a verdade é que todos nós sabemos que ela não vai durar muito mais.

Meu coração dói ao vê-la assim, tão vulnerável e frágil. Eu quero poder protegê-la, mas o que posso fazer? O que um garoto como eu pode fazer para trazê-la de volta? Para curá-la?

Nada.

Absolutamente nada.

Tio Alberto está na minha frente, do outro lado da cama, com um olhar sério e frio no rosto. Ele é o chefe da *nossa* família, o homem que todos temem. Ele sabe que, enquanto minha mãe estiver viva, eu nunca vou ser completamente parte do que ele faz.

Enquanto a mamãe estiver vivendo, eu nunca serei o que ele quer.

No entanto, eu não quero fazer o que ele faz. Muito menos, ser como ele.

Encaro a mamãe, parte de mim quer tanto que ela se levante e me proteja do tio Alberto. Só que eu sei que isso nunca acontecerá. Ninguém poderá me proteger dele.

Nunca.

— Matteo — ele diz, a voz soa como um sussurro frio, arrepiando os pelos da minha nuca. — Você sabe o que precisa ser feito. Eu não mandarei de novo. Ela está praticamente morta, você apenas acabará com o sofrimento dela. Acabe logo com isso, *filho*.

Meus olhos se enchem de lágrimas e eu começo a tremer, recuando um passo. Para o meu espanto, ele dá a volta na cama e se coloca atrás de mim, me impedindo de me afastar mais ainda da cama da mamãe.

— Por favor, tio — imploro, as lágrimas começando a descer pelo meu rosto. — Não quero fazer isso.

Ele não parece se importar com o quanto estou assustado.

— Não chore — ordena e eu me desculpo com um sussurro. — Você sabe o que precisa ser feito — ele insiste. — Você precisa provar que já é homem. Matteo, você é um Salvatore. Um Salvatore não hesita em fazer o que é necessário pelo bem da família.

Ele coloca uma mão pesada em cima do meu ombro e a outra, segura o meu pulso, levantando a arma que ele me entregou antes de entrarmos no quarto. Sinto o peso do seu olhar sobre mim, a pressão é tão forte, que começa a esmagar meu peito até que mal consigo respirar.

Olho para minha mãe, seu rosto pálido e fraco, e uma onda de angústia me atinge como um soco no estômago.

Não posso fazer isso. Não posso ser responsável pela morte dela.

O choro sufocado escapa da minha garganta ao mesmo tempo em que me abaixo ao lado da cama. Minhas mãos tremem quando toco o rosto da minha mãe, os olhos turvos encontrando os meus com uma tristeza profunda.

— Me perdoe, mamãe. Por favor...

Antes que possa beijar a sua testa, o tio Alberto me força a ficar de pé outra vez, resmungando algo sobre ser fraco e mole. Limpo as lágrimas do meu rosto e como se meu coração estivesse sendo partido em pedaços, eu aponto a arma para o peito da mamãe.

— Me perdoe, mamãe — repito.

— Tudo bem, querido — ela fala com dificuldade, a voz tão fraca, que fico na dúvida se ela realmente falou ou foi apenas coisa da minha cabeça. — Pode fazer.

— Posso falar com a mamãe sozinho? — pergunto ao meu tio, que fica irredutível por alguns segundos, mas aceita com uma baforada indignada.

— Tem um minuto. Estarei do outro lado da porta. Não me decepcione, Matteo.

Dito isso, ele sai de perto de nós, batendo a porta com mais força que o necessário. Abaixo a arma e encaro a mamãe, que abre um sorriso fraco.

— Mãe...

— Não se culpe por isso, meu filho. Eu conheço meu irmão, sei do que ele é capaz.

— Não quero fazer isso — sussurro, balançando a cabeça em negativa. — Não quero que vá.

— Preciso ir — fala e estende a mão frágil para mim. Eu pego e aperto com cuidado para não a machucar. — Canta uma música pra mim, Matteo? Aquela que eu cantava pra você dormir.

— Eu não consigo...

— Você sorria tanto quando eu cantava — sussurra, os olhos marejados por conta das lágrimas. — Por favor.

Cerrando os dentes, eu assinto. Encho os pulmões de ar e com a voz embargada por causa do choro, começo a cantar a música que ela pediu:

— *Ei, Jude, não fique mal. Pegue uma canção triste e torne-a melhor...* — Depois de me ouvir, mamãe começa a sorrir e mesmo fraca, ela se esforça para me acompanhar. — *Lembre-se de deixá-la entrar em seu coração, então você pode começar a melhorá-la.*

Ela olha dentro dos meus olhos ao cantar devagar:

— *Ei, Jude, não tenha medo.* — Minha visão fica turva por causa das lágrimas e eu sinto que meu coração vai explodir. — *Você foi feita para ir lá e conquistá-la. No minuto em que você deixa ela te atingir, então você começa a melhorá-la.*

— *E sempre que você sentir dor, ei, Jude, vá com calma. Não carregue o mundo nos seus ombros...* — continuo, chorando.

— Faça, querido.

— Me desculpe.

Olhando nos olhos da mamãe, eu ergo a arma na direção do seu peito e aperto o gatilho, o impacto me faz recuar e cair no chão. E enquanto minha mãe se vai, sinto como se uma parte de mim também morresse com ela.

Eu só queria que as coisas fossem diferentes, mas agora sei que estou preso em algo terrível, algo que não posso desfazer.

A porta se abre e com ela, tio Alberto entra no quarto com uma expressão satisfeita e um sorriso que me faz querer vomitar.

— Muito bem, Matteo. Eu estou orgulhoso de você, *filho* — ele fala ao se aproximar de mim e pegar a arma das minhas mãos.

Eu nunca conseguirei sentir orgulho de ter matado a minha própria mãe.

— Agora, você precisa jurar que nunca contará isso a ninguém.

— O quê?

Tio Alberto me puxa pela gola da camisa e me faz ficar de pé. Sem explicar nada, ele retira um canivete de dentro do bolso da calça social e puxa meu braço com força para si, me assustando.

— Vamos fazer um juramento de sangue.

— Mas por quê?

— Porque é o certo, Matteo.

Sem me dar a opção de dizer sim ou não, ele faz um pequeno corte no meu pulso e eu gemo de dor, o que me arrependo no mesmo segundo, já que ele enfia ainda mais a lâmina do canivete, como se quisesse me fazer entender que é para aguentar calado.

— Repita comigo — ordena ao me soltar e fazer um corte no seu pulso também, sangrando, e em seguida, segurar meu braço com força, colando os nossos pulsos. — Eu, Alberto Salvatore juro manter esse segredo sob pena da minha vida. Repita dizendo o seu nome.

Com os olhos ardendo, dou uma última olhada para a mamãe morta em cima da cama e digo:

— Eu, Matteo Salvatore juro manter esse segredo sob pena da minha vida.

O nosso sangue se mistura e o pacto é selado, um compromisso de ocultar a verdade sobre a mamãe, não importa o custo. Tio Alberto não se importa com a minha dor.

Não se importa com a mamãe.

Não se importa com nada.

Ele finaliza o juramento, os olhos brilhando com uma malícia que me faz estremecer.

Por mais que eu tente afastar a sensação de desespero que me consome, sei que estou preso, ligado a ele por laços de sangue e segredos que nunca poderão ser quebrados.



# MATTEO

## CAPÍTULO

### 01

*Vinte e cinco anos antes...*

Mamãe ama patinação no gelo.

Uma vez, ela me contou que era o seu sonho de criança ser patinadora de gelo profissional, mas o vovô nunca deixou por causa de todas as complicações que envolvem a nossa vida.

Mesmo assim, a paixão nunca morreu e os seus olhos claros sempre brilham quando os patinadores deslizam na pista de gelo e fazem as belas piruetas e dão aqueles saltos que parecem impossíveis de acompanhar.

Mas desde que o papai se foi, nem isso é capaz de fazê-la sorrir de novo, embora sempre se force a esticar os lábios quando me vê observando-a.

Fingindo um sorriso, ela ajeita o gorro em cima da minha cabeça e prende minha mão pequena entre as suas, depositando um beijo quente na minha pele gelada por causa do frio do inverno.

Sem dizer nada, mamãe retorna à atenção para a pista de gelo iluminada e brilhante. Uma música lenta começa a tocar e uma patinadora entra. Ela é tão elegante e bonita, os seus movimentos são quase flutuantes.

Olho de esguelha para a mamãe e a vejo chorar.

— Mãe? — chamo-a e rapidamente, ela limpa o rosto com os dedos, esticando os lábios para mim.

Sem dizer nada, ela envolve os braços em mim e me prende contra o corpo, depositando um beijo no topo da minha cabeça.

No fim da apresentação, vamos embora de mãos dadas. Só que em vez de caminharmos para saída onde as pessoas estão indo, ela me leva para outro lado, apressando os passos.

— Mamãe?

— Não olhe pra trás, querido — ela ordena, e eu tento obedecer, mas meus instintos não permitem.

Giro o rosto no mesmo segundo em que uma mão firme segura meu ombro com força, me mantendo preso no lugar. Levanto os olhos e encontro um homem com os dedos em volta do pulso da mamãe.

— Vai há algum lugar, senhorita Salvatore?

— Senhora Manzini — mamãe grunhe entre os dentes.

— Para o seu irmão, você voltou a ser uma Salvatore, então, é propriedade dele — é o que ele diz, puxando o braço da minha mãe com força e sinto o peso da sua outra mão no meu ombro, me obrigando a acompanhá-los.



Dentro do carro, mamãe segura a minha mão o tempo todo, mas nenhuma palavra sai da sua boca.

Assim que os dois homens estacionam em frente à mansão, eu sei onde estamos. É a casa do meu tio Alberto Salvatore, irmão da mamãe. Estivemos aqui há duas semanas e, também, logo depois da morte do papai.

Descemos do carro e eu fico parado em frente à mansão, observando as grandes janelas cercadas por molduras de pedras, que fazem o lugar parecer assustador.

Mamãe para atrás de mim e desliza uma das mãos pelo meu braço, entrelaçando os dedos nos meus. Em passos hesitantes, nós andamos na direção da porta de madeira escura e enorme, que se abre para nós.

— Largue a mão do menino, Allegra! — a voz grossa e áspera raspa dentro dos meus ouvidos e faz a minha nuca arrepiar de uma forma ruim. — Ele já tem nove anos. Se continuar assim, vai crescer mole e será um inútil. Fraco.

Meus olhos encontram primeiro os pés e quando tenho coragem de levantar o rosto, vejo o meu tio Alberto há alguns passos de distância.

— Ele é só um garoto.

— Matteo já é um homem — rosna e sou arrancado de perto da mamãe com força. — Não quero que ele se torne mole como o pai.

Mamãe franze o nariz e eu tento me afastar do meu tio, mas as duas mãos cravam nos meus ombros, me machucando.

— Não fale do meu marido, Alberto.

— Honestamente, Allegra. Você não me serve pra nada. Não é mais virgem, é viúva, tem um filho e está morrendo também — cospe as palavras e eu fico sem entender, só que sinto meus olhos arderem e um aperto forte contra o meu peito. Depois que o papai morreu, nossa vida mudou tanto. — Mas, não posso permitir que viva longe de mim e os meus inimigos a usem contra mim — meu tio continua.

Mamãe começa a rir, mas não parece feliz.

— Como se eu fosse importante pra você.

— Realmente não é — é o que ele diz, e eu trinco os dentes, com raiva. — Mas, é uma Salvatore. Já escutou coisas demais e não posso arriscar que destrua o meu Império.

— Império do papai, Alberto.

Meu tio aperta meus ombros e eu espremo os lábios para reprimir um gemido de dor.

— Ele morreu há um bom tempo. Agora, o Império é meu, querida. — De repente, meu tio abaixa um pouco o rosto para mim e a sua expressão raivosa faz o meu coração acelerar. — Engula o choro, pirralho. A partir de hoje, você não é mais Matteo Manzini e sim, Matteo Salvatore. E os Salvatore não são homens fracos.



*Vinte e três anos antes...*

Daria tudo para que a mamãe acordasse.

Daria qualquer coisa para tirá-la de dentro do caixão e impedir que a enterrassem. Queria tanto que fosse um erro, que meu coração esmaga o meu peito. Queria tanto que ela não estivesse morta.

Sinto o estômago em queda livre no instante em que os homens descem com o caixão em mogno, colocando a mamãe num buraco tão fundo, que se milagrosamente acordar, seria impossível sair de dentro.

Impossível porque ela estava tão fraca e magra, mal conseguia andar sozinha. E ainda tem o fato de eu ter enterrado uma bala no seu coração, dando um fim a sua vida por completo.

Forço o caroço dentro da garganta a descer ao mesmo tempo em que as lágrimas se acumulam dentro dos meus olhos, deixando a minha visão embaçada.

— Mãe... — murmuro. — Sinto muito.

— Engula o choro, Matteo. Não seja patético — o tio Alberto ordena, inclinando o rosto para mim com uma expressão dura e áspera. — Ela já estava praticamente morta.

Faço o que manda e é tão difícil, porque tudo que eu quero no momento é chorar pela minha mãe, mas desde que viemos para debaixo das suas asas, eu aprendi que chorar não é certo.

Chorar é um erro.

— Querido, ele é só uma criança. Acabou de perder a mãe — a tia Eleonora fala, a voz tão doce e angelical, enquanto pousa uma das mãos nos meus ombros e aperta com força e carinho ao mesmo tempo.

Eu sei que ele ficará bravo, mas não consigo reprimir a minha tristeza, então, a única coisa que faço é virar o corpo inteiro para enterrar o rosto na barriga da minha tia, envolvendo as mãos na sua cintura, chorando e envergonhando o Don da família Salvatore.

Cometendo um erro.

Depois de enterrarmos a mamãe, caminhamos na direção da limusine que nos espera no cemitério. O pequeno Romeo envolve a mão livre na minha e me lança um olhar meigo e inocente.

Ele tem apenas cinco anos e por enquanto, é isso que o mantém a salvo do tio Alberto, o seu pai. Infelizmente, não sei quanto tempo isso durará, já que Danilo<sup>[1]</sup> e Giovanni já estão sendo completamente moldados ao Don.

— Preciso falar com Matteo e você, querida. A sós — tio Alberto comunica, abrindo a porta da limusine.

— Pai... — Danilo fala, dando um passo para frente, uma tentativa de se manter entre a mãe e o seu pai impiedoso.

— O que é filho? — o Don rebate, curvando o canto da boca de maneira desdenhosa. — Cuide dos seus irmãos — ordena.

A tia Eleonora troca um olhar comigo e embora tente esconder o seu medo, não consegue. Triste demais para sentir algo além disso, me acomodo no banco da limusine e espero.

As mãos trêmulas dela se entrelaçam de forma insistente e os lábios se pressionam com tanta força, que ficam brancos.

— Querida, nunca mais me contrarie na frente dos outros — é o que fala, num tom de voz baixo e ameaçador.

E de repente, um barulho de tapa me faz contorcer no banco do carro. O corpo da tia Eleonora é praticamente dobrado para o lado e assim que volta ao normal, vejo o canto do seu lábio sangrando.

Ela chora em silêncio.

— Entendeu, querida? Ou preciso te dar outro tapa?

— Sim, querido, eu entendi. Me desculpe. Nunca mais acontecerá — ela balbucia.

E, então, ele olha para mim e acerta um soco no meu rosto, causando uma dor tão insuportável que é difícil de respirar.

— Nunca mais chore na frente das pessoas, Matteo. Além de ser desprezível, é sinal de fraqueza — grunhe, puxando a minha gravata para focalizar meus olhos, arrepiando a minha espinha. — Você é um homem agora, não mais um garoto. Nunca mais vai se esconder atrás da sua tia Eleonora ou de qualquer outra mulher, entendeu? Se fizer isso, acabarei com você.

— Sim, senhor — grunho, sem desviar os olhos do dele.

Meu tio abre um sorriso ao retrucar:

— Ótimo.

Ele me solta, empurrando o meu corpo para trás, em seguida, abre a porta da limusine para os garotos entrarem. A tia Eleonora esconde o rosto, enquanto Danilo e Giovanni alternam a atenção de mim para o pai com uma raiva contida, mas não fazem nada.

O que eles poderiam fazer?

Alberto Salvatore é o chefe da família e as suas ordens devem ser obedecidas.



# HADASSAH

## CAPÍTULO

### 02

*Quatro anos antes...*

Com um aperto na garganta e os olhos ardendo, sobre os patins, eu deslizo até o centro da pista de patinação. Observo o brilho do gelo polido debaixo das luzes suaves do ringue e espero “*Silent Lucidity*” da banda Queensryche recomeçar a tocar.

Engulo o choro e a sensação é que estou forçando uma bola de tênis goela abaixo, enquanto alguém esfaqueia o meu coração com força e sem piedade. A tristeza é tão grande dentro de mim, que meu corpo inteiro dói.

“*A culpa é sua, Hadassah*” as palavras do papai ecoam dentro da minha cabeça de uma maneira tão perversa, que vejo tudo girar ao meu redor. Bato com a palma das mãos na têmpora e balanço a cabeça de um lado para o outro, me obrigando a concentrar.

*Você é inútil, Hadassah.*

*Você é patética, Hadassah.*

*Eu preferia que você tivesse morrido com a sua mãe, Hadassah.*

Cedo à tristeza e dobro um pouco o corpo, chorando sozinha. Encaro os meus patins que sempre me trouxeram tanta felicidade e me pergunto se na verdade, eles são apenas o início do meu pior pesadelo.

*A culpa é sua.*

*Você estragou tudo.*

Endireito a postura e limpo os olhos com as costas das mãos, respirando e fundo ao olhar para os lados, completamente sozinha com a minha solidão.

Se ela ainda estivesse viva, com certeza, mamãe estaria aqui comigo. Ela amava patinação. Mas, não tem ninguém aqui além de mim. Começo a achar que papai tem razão e a culpa de tudo dar errado é minha.

*Será que eu estrago tudo mesmo?*

A música ecoa pelos alto-falantes, me envolvendo com os acordes impactantes do piano, sintonizando com os batimentos do meu coração quebrado.

Deslizo suavemente pela superfície congelada, ganhando o impulso necessário a cada passada. Meus patins parecem uma extensão dos meus pés e me guiam de maneira perfeita, me entregando à dança.

Com um solavanco repentino, me lanço no ar para um salto e antes de conseguir aterrissar com um dos pés na pista, eu caio no chão, sendo arrastada pelo impacto por alguns instantes.

Fico de pé e continuo patinando sobre o gelo, sentindo o vento frio secar as minhas lágrimas e o som do piano bombear o meu coração. Preparo o meu corpo para outro impulso e giro no ar, aterrissando com firmeza, apesar de um leve tremor nas pernas quase me desequilibrar.

A música vai ganhando mais força e eu tento outros saltos, cada um é uma ampliação das minhas emoções no momento e por eu estar tão triste e quebrada, eu caio no chão todas as vezes.

Só que mesmo tão despedaçada, eu insisto quando a música volta a tocar, me perdendo completamente na minha tristeza. Caindo e me levantando, embora não faça sentido continuar me esforçando.

Porque a verdade é que se eu não continuar tentando, quando eu cair, ninguém vai me estender a mão para que eu possa me levantar.



O odor acre do álcool enche o ar, penetrando nas minhas narinas e estremecendo meu estômago vazio.

O papai está bêbado. De novo.

Uma sensação de apreensão se enrola nas minhas entranhas conforme eu ouço os seus passos pesados ecoando pelo corredor. Os passos são como trovões que anunciam a tempestade que está por vir.

Devagar, eu fecho a porta do meu quarto, mas não a tranco, porque ele odeia quando o faço. Mesmo que seja em vão, me escondo perto da cama, as mãos trêmulas contornando os meus joelhos, enquanto tento me tornar invisível.

No entanto, é inútil.

Ele sempre me encontra.

A porta do quarto é arrancada com força, e meu pai entra, os olhos injetados de sangue fixados em mim com uma intensidade assustadora. Sua respiração é irregular, os lábios formando uma linha dura que denota a sua raiva.

— Onde você estava, sua inútil? — ele rosna, a voz carregada de veneno e desdém. — Eu te chamei várias vezes e você não respondeu.

Encolho-me ainda mais, desejando poder me fundir com as sombras do cômodo e escapar deste pesadelo.

— Eu estava fazendo o dever de casa — murmuro, sabendo que qualquer resposta só servirá para irritá-lo mais.

Ele avança na minha direção, o cheiro de álcool impregnando o ar ao nosso redor. Sua mão agarra meu braço com uma força cruel, os nós dos dedos cavando minha pele delicada.

— Você acha que pode me enganar, miserável? — a voz é um rosnado baixo, cheio de ódio. — Você acha que pode sair por aí, se divertindo enquanto eu trabalho duro para sustentar essa casa?

Engulo em seco, as lágrimas ardendo nos cantos dos meus olhos.

— Desculpe, papai — murmuro, sabendo que não importa o que eu diga, nunca será suficiente.

Seu punho voa em direção ao meu rosto, o impacto ecoando pelo quarto enquanto minha bochecha arde com a força do golpe. Caio no chão, as lágrimas fluindo livremente agora, se misturando com o gosto metálico do sangue na minha boca.

— Você é patética. Não quero que volte para aquela merda da escola de patinação no gelo. Nunca vai conseguir nada. Não tem talento.

— Papai, por favor, eu...

Minha voz é silenciada por causa de outro tapa que ele me dá.

— Cale a boca, miserável — retruca antes de sair do quarto, me deixando sozinha com minha dor, meu medo e coração e sonhos destruídos.

Enrolada no chão, eu me sinto como um pássaro com as asas cortadas, presa em uma gaiola de gelo do meu próprio desespero. Meu sonho de patinar no gelo e competir algum dia brilha distante, como estrelas inalcançáveis do céu noturno.

As lágrimas começam a escorrer pelo meu rosto e eu começo a me perguntar o porquê da minha vida ser tão difícil. Eu me dedico tanto para tentar ganhar o afeto do papai e do Yosef, mas parece que tudo o que recebo em troca é crueldade e desprezo.

Meu único refúgio é a pista de patinação no gelo. Lá, entre piruetas e saltos, encontro uma fuga temporária desse mundo cruel. As lâminas cortando o gelo são como uma dança que me liberta das correntes invisíveis que me prendem em casa, mas até isso o papai quer me tirar.

Ele nunca aprovou as minhas aulas de patinação. Para ele, são um luxo desnecessário, um desperdício de dinheiro que ele poderia gastar com as suas bebidas ou as dívidas.

E Yosef, bem, eu acho que preciso me acostumar que ele é apenas um monstro que se alimenta da dor dos outros.

Quando finalmente canso de chorar, sinto o meu rosto doer e à medida que a escuridão me consome, só consigo me perguntar se algum dia encontrarei a coragem para escapar deste inferno que eu chamo de lar.



*Algum tempo depois...*

Papai realmente cortou as minhas aulas de patinação, no entanto, eu não posso desistir sem lutar. Eu sei que nunca vou convencê-lo do contrário e tocar o seu coração, porque seu coração é uma fortaleza impenetrável quando se trata de mim. Só que se eu conseguir falar com Yosef, talvez, eu tenha uma chance.

Tenho quatorze anos e meu irmão é dez anos mais velho que eu. Mesmo que seja triste, a verdade é que ele nunca gostou de mim. As únicas pessoas dessa família que prezavam por mim era a mamãe e o meu primo Zane, mas minha mãe se foi quando eu tinha dez anos, e quanto a Zane, ele está atrás das grades, cumprindo pena pelo crime que cometeu.

Eu estou sozinha.

Estou sozinha desde que me lembro.

Yosef gosta quando eu assumo as responsabilidades domésticas. Desde cedo, fui ensinada a lavar, passar e manter a casa impecável. Ainda estou aprimorando minhas habilidades na cozinha, mas sinto que estou progredindo.

É difícil conciliar a escola, as aulas de patinação e os trabalhos em casa, mas sempre acordo por volta das quatro horas da manhã para dar conta.

O aroma tentador da minha mais recente tentativa na cozinha paira no ar, se misturando com a ansiedade que aperta meu peito.

Mesmo nervosa, eu sorrio, porque sei que dei o meu melhor.

Meu irmão entra na cozinha com passos pesados, os olhos se estreitando em desgosto quando ele pousa o olhar sobre a refeição que preparei com tanto cuidado. Os lábios finos se torcem em desdém, e sei o que está por vir antes mesmo de ele abrir a boca.

— O que é isso? — pergunta, a voz carregada de desprezo.

— Eu fiz o jantar.

— Você chama isso de comida?

Engulo em seco, as mãos tremendo ao mesmo tempo em que me esforço para manter a compostura diante do seu ódio ardente.

— Eu fiz o melhor que pude — murmuro, desejando poder desaparecer nas sombras da minha própria vergonha.

— O seu melhor não é o suficiente — rebate e há um sorriso debochado cravando nos seus lábios.

Ele gosta de dizer isso.

— Essa comida parece lixo — continua e eu respiro fundo, tomando coragem para pedir o que eu quero. Não acho que a nossa conversa vai melhorar.

— Yosef...

— O que você quer?

— Pode convencer o papai a me deixar voltar pras aulas de patinação?

— E por que eu faria isso? Você só gasta dinheiro naquela merda e não tem talento nenhum.

Engulo em seco.

— Mas é a tia Leona que paga as minhas aulas. Aquele dinheiro não é do papai — abro a boca para falar e ao ver meu irmão expandindo as narinas, percebo que eu deveria ter ficado calada.

Ele avança na minha direção, o olhar desafiador e cruel sobre mim. Os dedos agarram o prato, jogando-o com força contra a parede perto de mim, fazendo um estrondo ensurdecedor. Os estilhaços voam, se espalhando pelo chão como confetes escuros de desolação.

— Você é patética. Mora aqui e ainda quer que isso seja de graça? — grunhe, os olhos faiscando com a fúria contida. — Se quer tanto as aulas de patinação, arrume um emprego.

— Um emprego? — balbucio.

— Sim. Contanto que não atrapalhe os seus afazeres dentro desta casa, pode arrumar um emprego. — Ele começa a rir com desdém. — Não acho que vai dar em nada, você é péssima, Hadassah. Não tem talento, não vai a lugar nenhum.

Cerro os dentes.

— Vou sim. Eu posso ser...

Ele me cala com uma bofetada.

— Não me responda! — ordena. — Da próxima vez que me responder, eu quebro todos os seus dentes.

As palavras me cortam como lâminas afiadas, abrindo feridas antigas que nunca têm a chance de cicatrizar. Lágrimas ácidas começam a escorrer pelo meu rosto, mas eu as enxugo rapidamente, me recusando a dar a ele a satisfação de me ver quebrada.

— Desculpe — murmuro, sabendo que ser submissa é a única maneira de sobreviver aqui. — Não vai mais acontecer.

— Ótimo. Agora limpe a bagunça.

Ele me lança um olhar de puro desprezo antes de sair da cozinha, me deixando sozinha com os destroços da minha falha.

Observo a comida espalhada pelo chão e as lágrimas começam a escorrer pelo meu rosto. Eu dei o meu melhor. Lutei com todas as minhas forças para agradar, mas como sempre, minhas esperanças se desfazem diante da realidade cruel.

Antes que possa desistir de tudo, as palavras do meu irmão sobre arrumar um emprego ecoam na minha cabeça.

Talvez seja hora de considerar arranjar um emprego.

Talvez não seja o fim do mundo.

Talvez ainda haja uma chance de manter minhas aulas de patinação.

Preciso manter a esperança, mesmo que frágil, porque se não o fizer, não há nada para mim aqui.



# HADASSAH

## CAPÍTULO

### 02

*Nos dias de hoje...*

Realmente não foi o fim do mundo quando o papai me retirou das aulas de patinação, mas, foi o fim do meu sonho de ser patinadora profissional. Depois que arrumei meu primeiro emprego na loja de conveniência do bairro, Yosef decidiu que eu era adulta o suficiente e me obrigou a abandonar a escola.

Todas as despesas da casa caíram sobre os meus ombros e não pude fazer nada para mudar a minha situação. E eu confesso que tentei.

Tentei fugir duas vezes e deixar tudo para trás, mas papai e Yosef me encontraram, me deram uma surra e com o tempo, eu aprendi que não tenho como fugir da minha vida. Não há escapatória.

Algumas pessoas têm vidas boas, outras, vidas medíocres, como a minha.

Estou prestes a sair de casa quando me deparo com o dono do prédio. Ele é um homem baixo, gordo, tem uma barba malfeita, é careca e tem um semblante severo e olhos penetrantes que parecem sondar minha alma.

— Bom dia, senhorita Zohar — ele começa, seu rosto está sempre com uma expressão dura, o que faz meu coração afundar com a certeza de que tenho um problemão a caminho.

— Algum problema?

— Sim. Precisamos conversar sobre o aluguel — dispara e tenta olhar para dentro da minha casa por cima dos ombros. — Tem alguém em casa? Que tal eu entrar e nós ficarmos mais à vontade?

Trinco os dentes ao notar seus olhos dançando pelo meu corpo de maneira depravada.

— Não vou deixar o senhor entrar.

Ele balança a cabeça lentamente, os olhos brilhando com uma intensidade que me faz estremecer.

— Ok. Então vou direto ao ponto. O preço do aluguel aumentou. E eu vim aqui buscar a diferença.

— O quê? — retruco, tentando manter a calma apesar de sentir os nervos à flor da pele. — O senhor não pode simplesmente aumentar o preço assim.

Meu coração parece congelar dentro do meu peito ao mesmo tempo em que as palavras dele continuam ressoando nos meus ouvidos.

— O que eu recebo mal dá para pagar o aluguel.

Ele ri com desdém.

— E isso é problema de quem? Exatamente. Não é meu.

— Isso não é justo — protesto, lutando para manter minha voz firme. — Não tenho como pagar.

Um sorriso irônico se curva nos lábios finos do velho e seu olhar parece atravessar minha alma, o que me faz engolir em seco.

— Se você não pagar, terei que tomar medidas mais drásticas.

A ameaça paira no ar entre nós, pesada como uma nuvem de tempestade pronta para desabar a qualquer momento em cima da minha cabeça. Meu estômago se revira com a possibilidade de perder a casa.

— Pode me dar alguns dias?

— Eu sei que tem dinheiro. Você é sensata, deve ter alguma economia. Me pague a diferença agora ou rua.

Sinto os meus olhos arderem, mas as seguro. Não vou chorar na frente dele.

— Um minuto, por favor.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Obsessão do Mafioso (Império Salvatore...)" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).